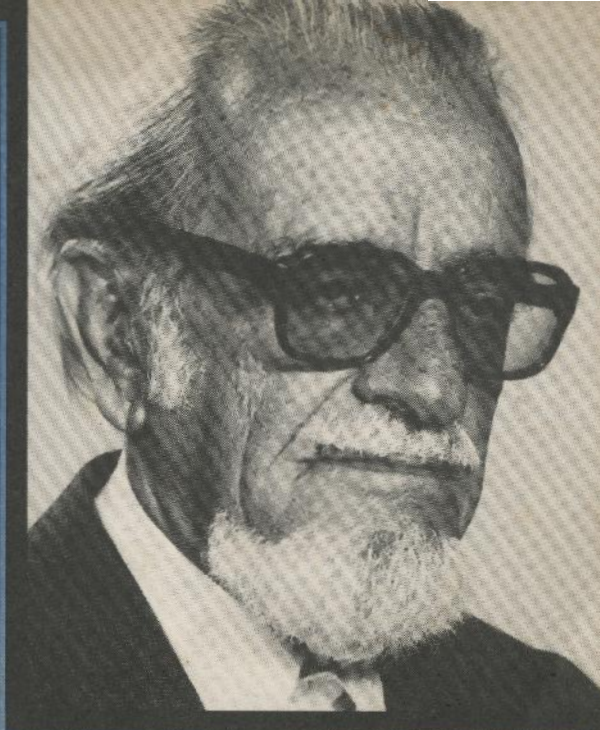


Memórias



SÓCRATES DÁSKALOS

**A CASA
DOS ESTUDANTES
DO IMPÉRIO**

FUNDAÇÃO
E PRIMEIROS ANOS DE VIDA

LUCIO LARA

DEDICO:

À memória de:

ALBERTO DIOGO,

ANGELO DIAS,

CARLOS TORRES de SOUSA

pioneiros da CASA dos ESTUDANTES do IMPÉRIO

e de

AMILCAR CABRAL,

CARLOS ERVEDOSA,

DAVID BERNARDINO

contos e autores que vincularam profundamente

A Câmara Municipal de Lisboa tomou gostosamente para si a responsabilidade da edição deste texto, do Eng.º Sócrates Dáskalos, sobre a Casa dos Estudantes do Império.

Esta edição segue, aliás, a linha traçada a 25 de Abril de 1992 com a aposição no passeio junto à antiga sede da Casa dos Estudantes do Império de um memorial, singelo mas belo, da autoria dos Professores Troufa Real e Fernando Conduto.

A Casa dos Estudantes do Império foi uma referência importante da luta contra a ditadura, uma referência que marcou gerações e gerações de jovens vindos dos quatro cantos do Mundo.

Por isso a CML se associou, gostosamente, mais uma vez à sua evocação neste texto do Eng.º Sócrates Dáskalos.

Em reconhecimento pela colaboração e apoio prestados

Ao Pelouro da CULTURA da CÂMARA MUNICIPAL de LISBOA;

Ao incansável e resistente

ADOLFO AYALA

Ao Engenheiro

SILVINO FRANCO FARRACHO, gerente da LISNAVE INTERNACIONAL;

Ao Companheiro de luta

ADALBERTO QUARESMA, director da ESTALNAVE;

E ao

VICTOR MANUEL NUNES ALVES, meu aluno da Licen de Benguela pertencente ao grupo dispoletos que souberam guardar os laços de angolidade e solidariedade dos anos 50.

João Soares

Vereador do pelouro da cultura da CML

DEDICO:

À memória de:

ALBERTO DIOGO,

ANGELO DIAS,

CARLOS TORRES de SOUSA

pioneiros da CASA dos ESTUDANTES do IMPÉRIO

e de

AMILCAR CABRAL,

CARLOS ERVEDOSA,

DAVID BERNARDINO

continuadores que vincaram profundamente

a sua passagem pela C.E.I.

LEMBRANDO

ALBERTO MARQUES MANO MESQUITA,

ACRISIO SAMPAIO NUNES, VASCO BENITO

GOMES, EMÍLIO LEITE VELHO, ACÁCIO CRUZ,

JULIO PEQUITO, ANTÓNIO SIMÕES NETO,

ORLANDO COSTA e outros pioneiros e

continuadores que poderão contribuir para escrever

a História completa da C.E.I.

E agradeço pela colaboração e apoio prestados

Ao Pelouro da CULTURA da CÂMARA

MUNICIPAL de LISBOA;

Ao incansável e resistente

ADOLFO AYALA

Ao Engenheiro

SILVINO FRANCO FARRACHO, gerente

da LISNAVE INTERNACIONAL;

Ao Companheiro de luta

ADALBERTO QUARESMA, director geral

da ESTALNAVE;

E ao

VICTOR MANUEL NUNES ALVES, meu aluno do

Liceu de Benguela pertencente ao grupo daqueles

que souberam guardar os laços de angolanidade e

solidariedade dos anos 50.

SÓCRATES DÁSKALOS

PREFÁCIO

Este trabalho sobre A CASA DOS ESTUDANTES DO IMPÉRIO é uma das partes que, reunidas a outras já paridas ou em gestação, formam o conjunto das minhas MEMÓRIAS.

Quando escrevo estas Memórias, estou fazendo uma corrida contra o tempo, iniciada tardiamente. É uma corrida contra a implacável Parca corte o fio da minha meada. É uma corrida contra-relógio para a qual o atleta nunca se preparou, antes pelo contrário, que foi começada quando as suas forças se estão esgotando e quando a sua crônica desorganização é cada vez mais evidente.

O único triunfo com que o atleta ainda conta é a sua memória mas, tal é a ânsia de vencer por vezes, embaraça-se no espaço e no tempo e, quando o tempo e o espaço se recusam a fazer os necessários acertos,

Exactamente para vencer os atrasos e recuos, estas Memórias, em vez de serem seguidas na ordem cronológica do calendário, estão a ser

A CASA DOS ESTUDANTES DO IMPÉRIO

Reunidas todas as PARTES — das quais as únicas publicadas são «O MEU POEMA» e «EU FOI S. TOMÉ LAIÚÉ» — e arranjadas por ordem cronológica na primeira do Tempo, ficam patentes as MEMÓRIAS (Fundação e primeiros anos de vida)

Oxalá consiga acabar a corrida.

Leiria, Abril de 1968

DAUTOP

A CASA DOS ESTUDANTES DO IMPÉRIO
— SUA FUNDAÇÃO E PRIMEIROS
ANOS DE VIDA —

PREFÁCIO

Este trabalho sobre A CASA DOS ESTUDANTES DO IMPÉRIO é uma das partes que, reunidas a outras já paridas ou em gestação, formam o conjunto das minhas MEMÓRIAS.

Pretendo que estas sejam apóstumas e, para tanto, estou fazendo uma corrida contra-relógio que, por ter sido iniciada tardiamente, aumentou a minha ânsia de chegar à meta antes que a implacável Parca corte o fio da minha meada. É uma corrida contra-relógio para a qual o atleta nunca se preparou, antes pelo contrário, que foi começada quando as suas forças se estão esvaindo e quando a sua crónica desorganização é cada vez mais evidente.

O único trunfo com que o atleta ainda conta é a sua memória mas, tal é a ânsia de acabar a horas que, por vezes, embaraça-se no espaço e no tempo e tem que fazer um arreliante e moroso recuo para fazer os necessários acertos.

Exactamente para evitar tais acertos e recuos, estas Memórias, em vez de terem seguido a ordem cronológica do calendário, estão a ser escritas por assuntos de acordo com as preferências e caprichos do autor.

Reunidas todas as PARTES — das quais as únicas publicadas são «O MEU POEMA» e «EU FOI S. TOMÉ! AIUÉ!» — e arrumadas por ordem cronológica na prateleira do Tempo, ficarão patentes as «MEMÓRIAS COMPLETAS» de toda uma vida.

Oxalá consiga acabar a corrida.

Lobito, Abril de 1993

O AUTOR

A CASA DOS ESTUDANTES DO IMPÉRIO — SUA FUNDAÇÃO E PRIMEIROS ANOS DE VIDA —

Em Maio de 1941, depois de uma viagem atribulada, cheguei a Lisboa a bordo do «COLONIAL». Foi uma demorada viagem de trinta e um dias e recheada de peripécias. Com efeito, durante a mesma, o matumbo do Huambo que eu sou e nunca tinha visto o mar, conheci muitas e variadas gentes e terras em circunstâncias pouco vulgares e plenas de ansiedade e incerteza:

A segunda guerra mundial abalava o mundo; Paris, o baluarte da liberdade caíra nas mãos da fúria nazi, nos mares vivia-se os temores da guerra submarina, as nações interrogavam-se sobre o melhor partido a tomar... E eu, em poucos dias, conheci as disputas dos franceses através de uma centena deles dispersos no convés e corredores do «COLONIAL»; em Free Town assisti à partida de um «combóio» de seis dezenas de navios de todos os feitios; em Casablanca arregalei os olhos quando vi o belo e poderoso cruzador francês «Jean Bart» afundado naquele porto pelos simpatizantes de De Gaulle; e às portas de Gibraltar tremi de medo na incerteza de ser afundado por um submarino alemão (o que de facto aconteceu pouco depois ao navio português «GANDA»).

Quando somos jovens e alimentamos uma secreta intenção de aprender e saber para voltar à terra natal e levar avante essas secretas aspirações, todos estes episódios só servem para aquecer ainda mais a chama secreta que nos anima.

E desembarquei em Lisboa com as calças a cair (levava um quilo de ouro no bolso que me fora entregue no Lobito pela Costa do Oliveira Barros) resoluto mas cauteloso pois ia enfrentar a selva lisboeta com uma mesada de 400 escudos para dormir, comer, vestir e estudar!

Sem dificuldades de maior fiz com sucesso os exames de admissão no Instituto Superior Técnico e à Faculdade de Ciências. Ingressei no I. S. T. por duas razões: o I.S.T. tinha fama de ser dos

melhores e dos mais categorizados e eu, considerado uma inteligência lá na terra, tinha que escolher o melhor.

Os estudantes vindos de Angola começaram a conhecer-se, a encontrar-se e aperceberam-se de que a sua maneira de ser não conjugava, em muitos aspectos, com a maneira de ser dos estudantes oriundos de Portugal. E começaram a pensar em criar em Lisboa a sua Casa, em que pudessem reunir-se, discutir os seus problemas, melhorar as condições de alimentação e alojamento, etc... Embora pouco numerosos decidiram ir para a frente pois sabiam que com o decorrer do tempo as suas fileiras se alargariam. Foi então que eu, e o Torres de Sousa, o Alberto Marques Mano de Mesquita, o Alfredo Conde, o Acrísio de Sampaio Nunes, o Alberto Diogo, o Angelo Dias, resolvemos constituir a Comissão Organizadora da Casa dos Estudantes de Angola. Esta nasceu no n.º 47 da Rua de Moçambique, no quarto do Alberto Mesquita que começou a utilizar o Marques Mano no lugar de Mesquita porque o Marques Mano, seu tio, era então o Governador de Angola. Embora eu tivesse sido indigitado para presidir a esta Comissão preferiu-se que o Alberto Mesquita ficasse o Presidente da mesma. Este, de facto, tinha mais habilidade e facilidade no contacto com o Comissário da Mocidade Portuguesa, o Dr. Marcelo Caetano. E eu estava marcado pela minha actividade anterior no Huambo e por isso não me convinha dar muito nas vistas.

Esta Comissão Organizadora era constituída pelo Alberto Marques Mano de Lemos Mesquita, como Presidente, e por Sócrates Dáskalos, Carlos Torres de Sousa, Angelo Vidigal Dias, Alberto Diogo, como vogais. Como perdi todos os apontamentos que tinha sobre este assunto e estou escrevendo meio século passado, não me lembro se o Acrísio de Sampaio Nunes, o Alfredo Conde ou outros também pertenciam à Comissão Organizadora.

O Mesquita desenvolveu uma actividade intensa para conseguir os apoios para a futura Casa de Angola. Em pouco tempo arranjou apoio da Mocidade Portuguesa através de Marcelo Caetano, do Ministério das Colónias através do Ministro Vieira Machado e de várias firmas de Angola com sede em Lisboa.

E em breve foi criada a Casa dos Estudantes de Angola cuja sede ficou instalada na rua da Praia Vitória n.º 1, ao Arco do Cego.

O Marques Mano (Mesquita) foi eleito Presidente, aliás com inteiro merecimento, eu e o Torres de Sousa ficámos vice-presidente e tesoureiro e dos vogais, lembro-me do Angelo Dias e do Acrísio Sampaio Nunes.

Com o seu entusiasmo e dinamismo e aproveitando-se da inércia dos outros, o Mesquita não só conseguiu verbas e subsídios importantes como também decidiu mobilizar a sede da Casa de Angola com requintes de riqueza: mobílias e carpetes das mais caras, candelabros luxuosos, etc, etc,... As mobílias compradas nessa altura, de estilo, boas e por isso muito caras, são as que ainda existem, passado meio século, na actual Casa de Angola em Lisboa.

E a Casa de Angola foi-se consolidando; os estudantes vindos de Angola engrossavam rapidamente as fileiras dos sócios da Casa; outras Casas, das restantes colónias (algumas já existiam em Coimbra) nasciam em Lisboa; e no Huambo era desmantelada a Organização Socialista de Angola: jovens estudantes, jornalistas e outras personalidades eram encarceradas ou deportadas para Lisboa.

É nessa altura que as autoridades coloniais porque a dispersão dos estudantes das colónias, associados em várias Casas, não lhes facilitava o controlo das mesmas, propõem a fusão dessas Casas numa única que seria a Casa dos Estudantes do Império. Como a Casa de Angola era a que crescia a olhos vistos e o Mesquita conquistara a simpatia de Marcelo Caetano, seu professor na Faculdade de Direito, a Casa de Angola foi escolhida para acolher a visita do Ministro das Colónias, Vieira Machado, acompanhado por Marcelo Caetano. Durante a visita seriam feitos discursos e nestes seria avançada a ideia da junção das diferentes Casas numa única prometendo o governo, a ser aceite esta ideia, ceder o Palácio Burnay, jardins e anexos para instalar a Casa do Império e seus escritórios, dormitórios, cantinas, campos de jogos e tudo o que fosse necessário.

Eu era dos poucos que aceitava esta ideia desde que, primeiro, nos fosse entregue o tal Palácio e dependências. E preparava-me para botar o meu discurso onde proporia a nossa contra-proposta.

Chegou o dia da visita do Ministro das Colónias e do Comissário Nacional da M.P.

Os discursos fizeram-se, tudo ficou concertado, mas eu não falei pois as prisões no Huambo e a minha posição em relação às mesmas não aconselhavam que me evidenciasse, apesar de estar determinado a fazê-lo depois de ter arranjado coragem emborcando 32 cálices (do tamanho de taças) de vinho do Porto...

Ainda hoje conservo fotografias desse dia de 1941. Numa delas reconheço o Marques Mano (Bijunjo) a discursar ladeado por Vieira Machado e Marcelo Caetano e os restantes membros da Casa: o Angelo Dias, o Acrísio, o Emílio Leite Velho, o Santos e Castro (o que veio a ser

Governador de Angola), o Alberto Diogo, o Torres de Sousa... Eu não figuro nesta fotografia «porque não queria dar confiança ao Marcelo e ao Vieira Machado...»

Mas apareço noutras tiradas nesse dia onde figuram o Óscar e o Henrique Azancot de Menezes, sua irmã Leja, e sua mãe: e outros de cujo nome me não lembro. Numa delas apercebe-se a cabeça do Lúcio Lara, a espreitar o Vieira Machado decendo as escadas; e eu com a mão bem espalmada para assinalar a minha presença rebelde e encharcada em vinho do Porto. Nessa época o Lúcio devia ter uns dezoito anos e era meu explicando...

E com a junção às outras Casas, a de Angola converte-se em C.E.I. (A Casa dos Estudantes do Império).

E como a tal promessa do governo de entregar o Palácio Burnay à C.E.I. nunca foi cumprida, a sede da C.E.I. ficou instalada no n.º 23 da Avenida Duque D'Ávila desde então até à sua dissolução.

A Direcção da C.E.I. era constituída por uma Direcção Central englobando um representante de cada uma das colónias, cada uma com a sua Direcção.

O Alberto Mesquita, de Angola, ficou o Presidente da C.E.I., eu, o Torres de Sousa e outros ficámos na Casa de Angola. O Alberto Mesquita, o Torres de Sousa e eu fomos durante alguns anos os crónicos destas direcções.

Mas o Marques Mano, Presidente da C.E.I., começou a ter sérias contrariedades principalmente com os estudantes das outras colónias que não aceitavam a sua maneira de governar sem dar cavaco aos demais.

E começou a gerar-se uma agitação favorável à democratização da direcção, tanto mais que o presidente Marques Mano não olhava a despesas e até se permitiu viajar de avião! (viajar de avião naquele tempo era qualquer coisa de transcendente).

Lembro-me desta palavra por causa do Nunes Barata que na altura trabalhava com o Mesquita na direcção da Casa e que acompanhou aquele ao aeroporto numa das suas viagens. Encontrou-me quando voltou do aeroporto, vinha emocionado e disse-me: «olha que aquilo de um avião se libertar da Terra e levantar voo é qualquer coisa de transcendente».

Como o Presidente Marques Mano continuasse sobranceiro às críticas que exigiam a democratização, avolumou-se a onda que o criticava até que uma bela tarde, foi realizada uma assembleia geral que

teve que ser feita num anfiteatro do Liceu Camões pois contava-se com a afluência total dos sócios que já ultrapassavam as duas centenas.

Até os mais marrões largaram os livros para assistir a esta assembleia tais como o Alexandre Dáskalos e o Antero Jacques Pena!

Durante a assembleia a gestão do Presidente foi criticada com e sem razão, falou-se, criticou-se, ululou-se tanto ou tão pouco que a assembleia teve que ser continuada pela noite fora, mas já nas instalações da C.E.I.

O Presidente, o Marques Mano de Mesquita, aguentou a pé firme todas as críticas, justas e injustas e portou-se com tanta dignidade que mereceu a admiração de muitos, incluindo a minha e a do Antero Pena que lhe deu um grande e demorado aperto de mão! O Mesquita foi destituído e eleita nova direcção para a C.E.I. tendo ficado o Aguinaldo Veiga, de Cabõ-Verde, como presidente, eu como vice-presidente, o Torres de Sousa com a pasta de Tesoureiro (ou vice-versa, eu tesoureiro e o Torres de Sousa vice-presidente).

Mas lembro-me perfeitamente que uma das tarefas que a nova direcção se propôs foi a de pedir moratórias e «perdões» para as grandes dívidas herdadas da direcção anterior.

Uma delas era astronómica e o credor era o Coliseu dos Recreios na pessoa do seu proprietário Ricardo Covões. Esta dívida apareceu mercê da iniciativa de um estudante angolano que se arvorou em empresário, o Artur de Lemos Pereira, e contratou o Coliseu e o Orfeão Académico do Porto para um festival grandioso em nome da C.E.I. Mas o festival foi um grande fiasco financeiro e havia que pagar ao Orfeão e ao Coliseu.

Fui com o Aguinaldo Veiga falar ao Covões para nos perdoar a dívida! Eu que andava numa luta cerrada contra o capitalismo fiquei admirado com a maneira afável como o Covões nos recebeu e prometeu perdoar a dita dívida.

Parece-me que essa dívida jamais foi paga.

A par dos problemas de direcção e gestão financeira da C.E.I. também se realizavam actividades sociais e culturais quase sempre da iniciativa de uma das secções (nome que também se deu às Casas), pois a convivência entre os estudantes ultramarinos das diferentes colónias não era muito estreita.

Entre os estudantes de Angola havia alguns que estavam politicamente bem marcados, isto é, cujas posições anti-colonialistas eram bem conhecidas, havia os indiferentes e havia os que eram abertamente favoráveis à situação e constituíam a maioria.

A década de 40 foi politicamente muito agitada e Lisboa, na rota das Américas e da Europa, sofria a cada instante os safanões que pretendiam abalar a neutralidade portuguesa durante a 2.^a guerra mundial. A juventude universitária e a classe operária portuguesa desafiavam a cada instante o Governo Salazarista e em Angola (o que muito pouca gente sabia) acabava de ser reprimida uma tentativa de rebelião anti-colonialista (com efeito entre 1941-42 o Governo de Angola comandado por Marques Mano tinha encarcerado estudantes do Huambo e Lubango, vários jornalistas e outras individualidades. Marques Mano optou por libertar os estudantes, entre os quais o Alexandre Dáskalos e fez embarcar para Lisboa sob prisão ou vigilância discreta Monsenhor Alves da Cunha, os jornalistas Norberto Gonzaga (do Huambo), Filipe Coelho (da Huíla), Constantino Augusto e Américo de Carvalho (ambos do Huambo, o primeiro professor de Matemática no Colégio Alexandre Herculano e o segundo chefe da Secretaria da Associação Comercial do Huambo).

Eu era dos poucos que conheciam estes factos e temia a cada instante ir para a sombra.

Como ia dizendo, a juventude universitária lisboeta tinha uma grande actividade política e os estudantes ultramarinos actuavam no seio das organizações das suas faculdades, os de esquerda abertamente no MUDJ (Movimento de Unidade Democrática Juvenil) ou clandestinamente no PC.

No seio da C.E.I. os grupos com opções políticas divergentes não se degladiavam abertamente; reuniam-se entre si, isto é, os componentes de um grupo reuniam-se entre si em pequenos círculos. Era frequente o António Raul Simões Neto, o Alexandre Dáskalos, o Júlio Pequito e a Alda Lara reunirem-se em casa da Maria Alice Bórdalo Pereira e falarem abertamente das suas «políticas» apesar das divergências ideológicas no grupo, pois a Alda e a Maria Alice eram fervorosas católicas e os restantes eram fiéis adeptos do Lénine. Mas todos eles eram ardentes defensores da angolanidade e punham de parte as ideologias para elevarem a sua terra à escala de uma terra livre e progressista; e a Alda Lara, nalguns dos poemas que produziu nessa altura, traduz o calor dessas reuniões.

Ao relembrar a Maria Alice, não posso deixar de referir um dos mais significativos movimentos de solidariedade dos estudantes universitários lisboetas a que assisti.

A Maria Alice era uma jovem angolana, natural do Cubal (Benguela), simples, caridosa e sempre pronta a ajudar o próximo,

fervorosa católica mas não fanática e que procurava converter pacientemente os seus amigos «infiéis» às suas convicções religiosas; frequentava a Faculdade de Ciências de Lisboa quando foi surpreendida por uma leucémia, o cancro do sangue, como lhe chamaram. Estava irremediavelmente condenada e, como último recurso, o seu médico assistente aconselhou uma transfusão total de sangue, coisa inédita até então nos anais da medicina portuguesa. A C.E.I. desencadeou uma mobilização para recolha de sangue no seio dos estudantes ultramarinos, mobilização essa que rapidamente se alastrou aos estudantes universitários de toda a Lisboa. Foi uma movimentação comovente e espontânea que não impediu que a Maria Alice nos deixasse para todo o sempre mas que perdurou na memória dos estudantes lisboetas daquela época.

Nos meados da década de 40, eu tinha uma actividade política intensa, tanto clandestinamente como também no Movimento de Unidade Democrática Juvenil — MUD Juvenil — na qualidade de representante da Comissão de Escola da Faculdade de Ciências. Foi nessa altura que conheci Maria Barroso com a sua provocante bóina vermelha (naquele tempo, andar de bóina vermelha era um atrvido desafio à arrogância da PIDE) e também Mário Soares com a sua versatilidade saltitante. Lembro-me que Mário Soares foi preso nessa altura, quando, pela primeira vez nos anais da repressão fascista, a P.S.P. (cujos agentes tinham sido especialmente escolhidos para malhar forte e feio nos «comunistas» e enquadrada pela PIDE), invadiu o recinto de uma Faculdade, a Faculdade de Medicina de Lisboa, no Campo de Santana. Fui apanhado à entrada por uma forte bastonada na orelha e quando dei por mim estava na sala do P.B.X. onde eu e mais uma quinzena de estudantes ficámos propositadamente trancados e silenciosos até ao declinar do dia. Esta foi uma operação histórica da polícia fascista durante a qual dezenas de estudantes universitários, entre os quais Mário Soares, foram povoar as masmorras de Caxias.

Este episódio veio sobrecarregar as nossas tarefas de militantes anti-fascistas pois tivemos que nos organizar devidamente para assegurar a alimentação aos prisioneiros.

Naquela altura, além das minhas responsabilidades na C.E.I. e das minhas tarefas políticas, eu tinha que dar explicações para poder sobreviver. E como, sempre que podia, seguia à risca o lema «aproveitar os melhores anos da nossa vida», lema este que era amplamente divulgado na altura por um filme com o mesmo nome, acontecia que eu consagrava muito pouco tempo aos estudos. Disto resultou que fui um

estudante universitário de «longo curso» e por isso passaram por mim muitos jovens angolanos que, durante a década de 40, vieram frequentar a Universidade. Um deles foi o meu irmão Alexandre que chegou depois de mim e partiu antes de mim levando debaixo do braço o canudo de médico veterinário. E como Marcelo Caetano nunca mais cumpria a promessa de nos entregar o Palácio Burnay, eu, o meu irmão, o Acácio Meireles da Cruz e o Emílio Leite Velho, resolvemos fazer uma «república» à moda de Coimbra onde pudéssemos comer, dormir e estudar à vontade. Lançámos a mão à obra e com a ajuda de amigos que construíram e ofereceram mobílias e equipamentos diversos proclamámos a república no 2.º andar do n.º 1 do Largo de D. Estefânea. Mas esta república não durou muito tempo porque deu um grande estoiro financeiro, não por má gestão, mas porque os recursos para a sua manutenção além de parques não chegavam sempre a horas. Começou então a germinar entre os ultramarinos a ideia de não esperar pelo cumprimento das promessas marcelistas e de fazer uma cantina e um dormitório. Aquela começou a funcionar na própria sede na Av. Duque d'Avila e o dormitório na rua António José Barreiros. Fui partilhar um quarto neste dormitório com o meu sobrinho David Bernardino que estava nos primeiros anos do curso de medicina. O David, como eu natural do Huambo, já vinha picado pelo vírus da política anti-colonialista-fascista e contra a minha opinião começou a utilizar o quarto para reuniões políticas. Até que um dia teve que me dar razão e acabar com tais reuniões pois a PIDE fez uma visita ao dormitório, levou consigo o camarada santomense Espírito Santo e só não levou a papelada clandestina do David porque eu acabara de a queimar na cozinha do dormitório.

São várias e não convergentes as opiniões sobre a importância da influência exercida pela C.E.I. na evolução dos acontecimentos que conduziram à emancipação política das ex-colónias portuguesas.

Na minha opinião, como fundador e sócio activo durante quase uma década, a Casa dos Estudantes do Império e, em particular, a sua secção de Angola teve o grande papel de aglutinar à sua volta os estudantes oriundos de Angola e de manter e despertar nos mais refractários o sentimento de angolanidade com o qual nós pretendíamos esconder aos olhos da repressão colonial o nosso ardente nacionalismo. Nos princípios dos anos 50 esta angolanidade reforça-se e manifesta-se através da literatura com particular relevo para a Poesia. É quando o Carlos Ervedosa começa a publicar os Cadernos e algumas obras poéticas.

O Mário Pinto de Andrade só ingressa nas hostes literárias da C.E.I. depois de 1951. É interessante recordar como conheci o Mário.

Em 1948 vim passar férias a Angola.

No regresso para Lisboa, a bordo do «Império», quando procurava uma «cunha» para, pelo menos comer na segunda classe (pois eu viajava na terceira) conheci o Mário, o Joaquim seu irmão e o Alexandre do Nascimento *. O Mário ia estudar para Lisboa e o Joaquim e o Alexandre do Nascimento iam estudar para o Vaticano. Mais tarde encontrei o Mário em Lisboa, já ele tinha devorado o Marx, o Engels e o Lénine e arregaçava as mangas para a «luta de classes». Quando me insinuou que devia estar a seu lado nessa luta, respondi-lhe que eu não podia «porque eu viajava em terceira e ele viajava em segunda!».

Quando, em 1961, sob prisão fui obrigado a visitar a capital do Império português em vias de desmoronamento, ao deixar a incomunicabilidade da cela do Aljube, pude mergulhar no turbilhão da vida lisboeta e um dos primeiros contactos que estabeleci foi com os então sócios e frequentadores da C.E.I. Esta estava sob controlo cerrado da PIDE e era governada por uma administração imposta pelo governo. O meio estudantil ultramarino encontrava-se extremamente agitado pois tinha-se verificado um facto inédito nos anais do governo colonial-fascista: grupos de estudantes ultramarinos, um deles atingiu cerca de seis dezenas, deixavam clandestinamente Portugal para ingressar na luta anti-colonialista no exterior. Um deles foi retido pela polícia espanhola e estava prestes a ser entregue à polícia política portuguesa quando, por intervenção da diplomacia norte-americana, foi autorizado a seguir para França.

Começou desta forma — saídas clandestinas de estudantes ultramarinos organizadas pelas organizações secretas estrangeiras tais como a CIA — a intervenção das grandes potências nas lutas de libertação das colónias portuguesas.

É também a partir de 1961 que começa a acentuar-se a clivagem racial nos movimentos de libertação, com particular incidência nos movimentos de Angola. O livro de Franz Fanon «Les damnés de la Terre» no qual os horrores e atrocidades cometidas contra os Argelinos são apresentados como principal mola impulsora da revolta e coesão dos colonizados contra o colonizador e o aparecimento de outras obras fazendo o «Retrato do Colonizador» e o «Retrato do Colonizado» a partir dos processos e meios utilizados pela colonização francesa, todas

* O actual cardeal de Luanda.

estas obras lançaram uma certa confusão nas análises feitas pelos defensores das teses leninistas da luta de classes. Com efeito estes — não todos mas alguns dos mais influentes — deixaram-se influenciar pelo factor «cor da pele» do oprimido e do opressor, explanando opiniões e novas análises em que omitiram as particularidades do colonialismo português no que respeita às relações sócio-económicas entre colonizador e colonizado.

Os movimentos de libertação, então incipientes, da Guiné, Cabo Verde e Moçambique não foram grandemente atingidos por estas contradições porque AMILCAR CABRAL e MARCELINO dos SANTOS, os impulsionadores e iniciadores da luta de libertação daquelas colónias, não se deixaram influenciar pelos factores mencionados e sempre tentaram impedir a repetição, nas suas fileiras, dos erros cometidos pelos nacionalistas angolanos.

A luta armada para a independência de Angola começou de forma improvisada e dispersa, esporádica, sem unidade. O homem que poderia ter conseguido essa unidade, Agostinho Neto, quando tomou as rédeas do MPLA no exterior do país, já encontrou as fileiras do Movimento fortemente influenciadas por tendências discordantes, algumas delas opostas à multirracialidade.

As relações de Agostinho Neto com a Casa dos Estudantes do Império não foram nem muito estreitas nem muito prolongadas, pelo menos em Lisboa, mas as de Amílcar Cabral e de Marcelino dos Santos foram mais estreitas e duradoras e resistiram às teses da Negritude que, no seio do MPLA, acabaram por se converter em teses de «Negrificação».

Sejam quais forem as opiniões em relação à influência que a C.E.I. possa ter tido na luta de emancipação das ex-colónias portuguesas há, contudo, um factor muito importante que se cimentou durante essa luta e que marcou para sempre as independências dos países da África Austral e a evolução política na África do Sul: esse factor é a convivência multirracial que nela se reforçou e que ficou vincada em todas as Constituições dos países que se libertaram do colonialismo português, nas quais, os Brancos nascidos nesses países foram considerados como nacionais com direitos e deveres iguais aos demais cidadãos desses novos países; convivência essa que ficou assinalada nas obras literárias que a C.E.I. conseguiu publicar durante a sua conturbada existência, que ficou marcada nas suas obras sociais, convivência que fez perdurar para sempre este sentimento de angolanidade que exarceba o racismo dos que pretendem regressar à autenticidade dos portadores de

bengalas ou de barretes de pele de onça, angolanidade que não agrada à já decadente negritude e parece poder ser vestida pelo manto da tese crioula de mestiçagem de raças e culturas.

Esse facto, o reconhecimento do Branco como Nacional nos países recém-emancipados do domínio português, teve uma grande influência na evolução política dos países vizinhos — Zimbabué, Namíbia e África do Sul — pois contribuiu para a compreensão e aproximação entre raças e deu uma enorme machadada nas secretas intenções dos que pretendiam aprofundar e abismo entre os Negros e os Brancos para mais facilmente perpetuarem a exploração dos subdesenvolvidos.

A Casa dos Estudantes do Império também está na origem da criação da C.O.N.C.P. — Conferencia das Organizações Nacionalistas das Colónias Portuguesas — fundada por AMILCAR CABRAL, MARCELINO DOS SANTOS e outros.

Sem dúvida que os PALOP — Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa — são a projecção da CONCP no écran do panorama actual das relações entre Portugal e as suas ex-colónias e são portanto um reflexo da C.E.I. nestas relações.

Os homens que neste final do século representam os PALOP nas suas reuniões e conferências — doutores, engenheiros, intelectuais, empresários e outros — são certamente, muitos deles, filhos ou netos de antigos sócios da C.E.I. e, embora para alguns não seja muito aceitável (pelo menos não o era até há bem pouco tempo) demonstrar sentimentos saudosistas em relação ao passado colonial, poderiam coadjuvar a CAMARA MUNICIPAL DE LISBOA no aproveitamento e valorização do prédio onde existiu a sede da CASA dos ESTUDANTES do IMPÉRIO sito na Av. Duque d'Ávila n.º 23, utilizando-o para estreitamento de relações culturais e outras acompanhando as relações mercantis já existentes e que tendem a avolumar-se cada vez mais entre os Povos do desmembrado Império Português.

Lobito, Março de 1993



Casa dos Estudantes de ANGOLA (1943)
O Presidente ALBERTO MESQUITA discursa ouvido atentamente
pelo ministro VIEIRA MACHADO

Casa de Angola
Lisboa - 1943



Casa de Angola - Lisboa 1943

X o Autor



Vizita Mexicana: Alberto M. de Souza, Angélio, Virgínia Dias,
Acrísio de Sampaio Nunes, P. da Silva, Tereza Teófilo.

Casa de Angola - Lisboa 1943



Alberto Diogo; Carlos Torres de Sousa; Emílio Leite Velho; Marcelo Caetano; Francisco Vieira Machado; Alberto Marques Mano de Lemos Mesquita; Angelo Vidigal Dias; Acrísio de Sampaio Nunes; Fernando Santos e Castro; (a roer as unhas: Telmo Teixeira).



Diogo; Mirpinda; Emílio Leite Velho; Mirvelo Caetano; Vieira Machado; Alberto Mosquito; António Dias; Francisco Santos e Castro; Acácio Sampaio Nunes



Da Esq. para a Dta.: Carlos Torres de Souza; Martins, Vasco Benito Gomes; Alberto Diogo; Mesquiteia; Emílio Leite Velho, Marcelo Caetano; Vieira Machado; Alberto Mesquita; Angelo Dias; Fernando Santos e Castro; Acrísio Sampaio Nunes



Da Esq. para a Dta.: Martins e Mesquita de Moçambique; Marcello Caetano; F. Vieira Machado; Alberto M. M. Mesquita (Angola); Vasco Benito Gomes (Índia) e Aguiñaldo Veiga (Cabo Verde)

Estudantes de todas as colónias tomam satisfação
a criação da Casa dos Estudantes do Império



Estudantes de todas as colônias saudam satisfeitos
a criação da Casa do Estudantes do Império

1144

AB-01-CX 5



Composição
Montagem
e Impressão:



FOTOGRAFURA UNIÃO, LDA.

Estudantes de todas as colônias saubam sauteiros
a criação da Casa de Estudantes do Império

EDIÇÃO



Sócrates Mendonça de Oliveira Dáskales é Angolano filho de pai grego e de mãe portuguesa e nasceu no Huambo em 1921 onde fez os estudos primários e secundários e funda a ASSOCIAÇÃO ACADÉMICA do HUAMBO e a ORGANIZAÇÃO SOCIALISTA DE ANGOLA, desmanteladas pela polícia colonial em 1941. Nesse ano, já em Lisboa, com outros estudantes de Angola funda a CASA DOS ESTUDANTES DE ANGOLA, embrião da CASA DOS ESTUDANTES DO IMPÉRIO. Foi membro do MUD Juvenil da Faculdade de Ciências de Lisboa. Em 1952 regressa ao Huambo onde trabalha como agrimensor particular porque lhe foi vedado o acesso a lugares compatíveis com a sua licenciatura em Matemáticas e curso de engenheiro-geógrafo. Em 1957 é-lhe consentido o ingresso no corpo docente do Liceu de Benguela. Em 1961, com FERNANDO FALCÃO E OUTROS, funda a FRENTE DE UNIDADE ANGOLANA, (F.U.A.) cujos dirigentes são presos pela PIDE e deportados para Lisboa. Em 1962, exilado em França, organiza a F.U.A. no exílio que se transfere para Alger onde estabelece contactos com os Portugueses ali residentes incluindo o general sem medo HUMBERTO DELGADO e o seu secretário ADOLFO AYALA. Em 1965 está na China Popular com GENTIL VIANA, VIRIATO DA CRUZ e CARLOS MORAIS (MONTY), durante a Revolução Cultural até fins de 1969. De 1969 a 1972 está na Guiné-Conacry colaborando com o PAIGC, estreita relações com AMILCAR CABRAL e assiste à invasão de Conakry pelos comandos portugueses. No «25 de Abril» é professor em DALOA, na Costa do Marfim. Em Agosto de 1974 regressa a Angola e percorre posteriormente o seguinte itinerário: representa Angola na 19.ª Assembleia Geral da ONU na Comissão de Descolonização; é governador da Província de Benguela; director da SOREFAME do Lobito, hoje ESTALNAVE; membro da C.E. do Comité Provincial do Partido; deputado à Assembleia Popular de Benguela e membro do Conselho da República até Setembro de 1992.

01144
AB-01